

OBRAS INCOMPLETAS DE SIGMUND FREUD

Freud

**AMOR,
SEXUALIDADE,
FEMINILIDADE**

Posfácio Maria Rita Kehl

Tradução Maria Rita Salzano Moraes

autêntica

AMOR,
SEXUALIDADE,
FEMINILIDADE

OBRAS INCOMPLETAS DE **SIGMUND FREUD**

Freud

AMOR,
SEXUALIDADE,
FEMINILIDADE

POSFÁCIO

Maria Rita Kehl

TRADUÇÃO

Maria Rita Salzano Moraes

autêntica

SOBRE AMOR, SEXUALIDADE, FEMINILIDADE

Gilson Iannini Pedro Heliodoro Tavares

*Torna-te o que tu és
Píndaro*

*Wo Es war, soll Ich werden
Freud*

O presente volume reúne ensaios e artigos de Freud que abordam alguns dos temas mais candentes da psicanálise: o amor, a sexualidade e a feminilidade. Algumas das perspectivas mais polêmicas e alguns dos conceitos mais controversos, tais como a hipótese da bissexualidade originária, os complexos de Édipo e de castração, a sexualidade infantil, o primado do falo, a inveja do pênis, entre outros, são forjados ou examinados nestas páginas. Contudo, nem o amor, nem a sexualidade, nem a feminilidade são apreendidos como entidades isoladas ou sem conexão com os demais. Ao contrário, são temas que se cruzam nas mais diversas proporções e nas mais complexas articulações. Ou podemos nos esquecer de que Freud reuniu, em 1920, as pulsões sexuais e as de autoconservação sob o sugestivo nome de Eros, o deus do Amor? Com efeito, Freud trata das condições inconscientes e das correntes libidinais da vida amorosa, dos determinantes infantis da sexualidade adulta, da sexualidade infantil e suas repercussões na vida amorosa, da complexidade da sexualidade feminina, do papel da disposição bissexual na subjetivação da sexualidade, e assim por diante. A presente seleção de textos compreende uma curva que nos leva de 1898 até 1935, recobrando, portanto, as principais etapas do pensamento freudiano: desde a constituição da própria psicanálise, na época da correspondência com Wilhelm Fließ, nos últimos anos do século XIX, até depois da grande reformulação dos anos 1920, atravessando todos os níveis intermediários. Além de ensaios e artigos, este volume agrupa um número decisivo de cartas, de outro modo dispersas entre si. Não por acaso, um conjunto de cartas abre o volume, uma carta isolada o fecha.

Freud era um missivista contumaz. Sua correspondência completa é estimada em cerca de 20 mil cartas, volume que ultrapassa o de sua obra destinada à publicação. Aproximadamente metade dessa produção foi preservada. Nessa abundante correspondência, a troca epistolar com Fließ ocupa um lugar de destaque, por seu papel seminal na invenção da psicanálise. O presente volume apresenta uma seleção temática da correspondência Freud-Fließ, contendo a íntegra das cartas que referem nominalmente o tema da bissexualidade inerente ao ser humano. A hipótese da bissexualidade percorre um caminho sinuoso ao longo da obra de Freud, com movimentos de fluxo e de contrafluxo, cujos ecos se estendem pelo menos desde a primeira edição dos *Três ensaios sobre a teoria sexual*, publicado em 1905, até os textos sobre a feminilidade, da década de 1930. Com ela, a subjetivação do sexo torna-se um processo complexo e tortuoso, embaralhando vertiginosamente termos aparentemente estáveis e bem-definidos, como masculinidade, feminilidade, homossexualidade, etc. Para encerrar o volume, publicamos outra importante carta, dessa vez endereçada a uma anônima mãe norte-americana, preocupada com seu filho homossexual. Freud costumava dedicar grande parte de seu tempo à sua correspondência, inclusive com pessoas desconhecidas. Na carta que fecha o volume, Freud afirma a essa mulher desolada que “a homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual

produzida por uma detenção no desenvolvimento sexual” (neste volume, p. 349). A carta é de 1935, mas sua atitude aberta, encorajadora e realista torna inconteste sua atualidade, especialmente em contextos nos quais se ensaia uma espécie de repatologização das sexualidades.

Os temas tratados no presente volume são particularmente permeáveis a fatores de diversas ordens: às contingências da história de vida de seu autor, incluindo suas crenças tácitas, suas inclinações pessoais, suas leituras e experiências, suas inconstâncias e suas angústias confessadas ou inconfessadas; a aspectos históricos, culturais e sociais de sua época, cuja complexidade é muito maior do que se costuma imaginar sob rótulos totalizantes tais como “cultura burguesa”, “época vitoriana” ou mesmo “Viena, *fin-de-siècle*”;¹ aos perfis, às experiências e às queixas de seus pacientes e de outros modelos que emprestam inteligibilidade aos seus exemplos clínicos, aos sintomas que examina, às falas íntimas e às vozes secretas que autentica, elevando-as ao estatuto de discurso sexual público, sem submetê-las ao crivo do juízo moral; à dinâmica própria da comunidade psicanalítica internacional, em sua crescente institucionalização, mas também em sua pouca lembrada heterogeneidade, inclusive em termos das crenças e práticas políticas de seus membros, homens e mulheres. Em suma: amor, sexualidade e feminilidade são temas fortemente sobredeterminados. Nesse sentido, o texto de Freud não é apenas a expressão de uma cultura, de seus valores explícitos e implícitos. Não é apenas reflexo *de*, mas também se reflete *na* e reconfigura *essa* própria cultura.

Mas seria um erro pensar que Freud estivesse desavisado quanto a impasses dessa natureza. Ao contrário, no presente conjunto de textos ele fornece diversas provas da aguda consciência acerca do caráter sobredeterminado dos fenômenos que submete a exame e das dificuldades a eles inerentes. Diferentemente, aliás, do que muitos de seus críticos asseveram e, talvez, diversamente até mesmo do que alguns psicanalistas reconhecem. Na Conferência de 1933 intitulada “A feminilidade”, por exemplo, ele afirma: “Poderíamos pensar em caracterizar psicologicamente a feminilidade através da preferência por metas passivas. Naturalmente, isso não é a mesma coisa que passividade; é preciso uma grande porção de atividade para que uma meta passiva se estabeleça. Talvez isso ocorra de tal maneira que no caso da mulher, por sua participação na função sexual, ela estenda para outras esferas de sua vida uma preferência, mais ou menos ampla, pela conduta passiva e por anseios de meta passiva, conforme o modelo de vida sexual se limite ou se amplie” (neste volume, p. 317). Parece que não se tem dado a devida importância à última parte da frase, em que claramente Freud alude a possibilidades que variam conforme modelos de vida sexual mais amplos ou mais limitados, deixando ao leitor a tarefa de interpretar o sentido e a elasticidade dessas expressões. Mas o que talvez seja mais importante aqui é como o raciocínio se completa: “Devemos, contudo, atentar para que a influência das normas sociais não seja subestimada, normas que, de forma semelhante, forçam a mulher para situações passivas. Tudo isso ainda está muito obscuro” (neste volume, p. 317-318). Logo, ele insta seus leitores a não subestimarem o papel que a normatividade social tem na subjetivação da sexualidade, desabonando de saída qualquer interpretação que tome as descobertas da psicanálise como se fossem impermeáveis a injunções sociais, culturais ou históricas. Quando confessa a obscuridade remanescente, Freud desenha uma zona cinzenta na qual a psicologia individual e a psicologia social se interpenetram.

É de amplo conhecimento, aliás, o episódio célebre no qual, depois de confessar a Marie Bonaparte que havia pesquisado a sexualidade feminina por três décadas, sem chegar a resultados satisfatórios, Freud pergunta: “Afinal, o que quer a mulher?”. Essa pergunta fez correr muita tinta. Questão que, aliás, ganha matizes ainda mais ricos na língua de expressão de Freud, o alemão. Aliás, nas traduções deste volume, cuidou-se para que o leitor identifique quando Freud se refere a “mulher” como *das Weib*, termo do gênero gramatical neutro, mas que destaca o diferencial sexual do feminino diante do masculino, ou como *die*

Frau, palavra do gênero gramatical feminino reservada para a referência às mulheres individualmente identificadas. A frase em alemão “*Was will das Weib?*”, mesmo correndo o risco de certa redundância, poderia ser desdobrada, recriada e entendida assim: “o que quer o feminino na mulher?”. A mulher como “*dark continent*” ou a mulher como “enigma” seria, na sagaz leitura de Peter Gay, um “clichê sob disfarce moderno” (GAY, 1989b, p. 454). De certa forma, porém, os textos aqui reunidos também buscam responder a pelo menos outras duas perguntas afins, e cujas respostas tampouco podem ser vistas como definitivas. Em pelo menos dois dos ensaios sobre a *Contribuições para a psicologia da vida amorosa*, parece insinuar-se a pergunta “o que querem os homens?”. Afinal, a psicologia masculina, em sua aparente simplicidade, esconde segredos complexos. Do mesmo modo, nos textos sobre a sexualidade aqui reunidos, a pergunta subjacente talvez pudesse ser formulada assim: “o que querem as crianças?”, ou ainda: “o que querem os corpos?”. Crianças, homens, mulheres, corpos... mas também o bissexual que há em todos e em cada um de nós, o homossexual que preocupava a mãe norte-americana em 1935: tudo isso merece a atenção e o ímpeto investigativo de Freud.

Não por acaso, alguns desses textos causaram escândalo, e nunca deixaram de fazê-lo. Por um lado, a moral sexual civilizada, o *establishment* científico e certos valores da família burguesa ficaram fortemente incomodados e até mesmo ofendidos pelas ideias psicanalíticas acerca da sexualidade infantil e da disposição bissexual inerente ao ser humano e pela clivagem entre posição anatômica e posição sexual; por outro lado, certas vertentes de movimentos políticos, principalmente algumas vagas do movimento feminista, viram justamente o contrário: a continuação de uma lógica binária da sexualidade, o prolongamento do patriarcado ou a hipóstase do falo-logocentrismoⁱⁱ.² Essa polarização da *recepção* mostra, por si só, a complexidade das posições freudianas, que exige uma leitura cuidadosa e sutil, justamente porque não se deixa apreender em lugares pré-determinados por discursos e saberes prévios. Um claro exemplo de dificuldades desse tipo remonta ao célebre debate acerca da sexualidade feminina da década de 1920. Enquanto a escola inglesa, com destaque para Karen Horney, Melanie Klein e Ernest Jones, criticava o “falocentrismo” de Freud, paradoxalmente estava disposta a admitir uma espécie de harmonia natural entre os sexos, ao passo que o “patriarcal” Freud representava o interesse mútuo entre homens e mulheres como o resultado complexo de acontecimentos contingentes, de arranjos precários e de transições difíceis (cf. APPIGNANESI; FORRESTER, 2011, p. 633; 640). Aliás, bastante recentemente, Alenka Zupančič sintetizou o que há de perturbador na noção freudiana de sexualidade, mesmo aos olhos de uma sociedade “permissiva” e “tolerante” como a nossa: “aos vitorianos que gritavam ‘sexo é sujo’ Freud não respondia dizendo algo como ‘Não, sexo não é sujo, é apenas natural’, mas muito mais algo como: ‘o que é esse ‘sexo’ do qual vocês estão falando?’” (ZUPANČIČ, 2017, p. 7). O que continua sendo inquietante – e que tem implicações clínicas e ontológicas maiores – é a noção de que o sexo é algo intrinsecamente errático e opaco, algo “problemático e disruptivo” (ZUPANČIČ, 2017, p. 7) para nossas identidades, mais do que uma matéria lisa e macia, pronta para ser modelada ou esculpida, sem resistência, conforme nossa imaginação e nosso arbítrio.

De fato, a polarização da recepção da psicanálise freudiana coloca-nos diante de uma exigência. Uma exigência de leitura atenta não apenas à letra do texto e à clínica que ela funda, mas também a aspectos biográficos, a contextos históricos e sociais, ao contexto institucional do debate interno à comunidade psicanalítica e, claro, à própria história da recepção da psicanálise. Afinal, Freud escrevia partindo do princípio “quando em Roma, fale como os romanos”: basta lembrar do exemplo da linguagem aparentemente médico-biológica dos *Três ensaios*, que acaba desconstruindo desde dentro os discursos vigentes sobre o sexual. Falando para homens e mulheres de seu tempo, Freud não deve ser compreendido ou julgado somente pelos pressupostos aparentes em suas formulações, mas sim por aquilo que seu discurso

é capaz de desativar nos dispositivos que herda. “Pertence verdadeiramente ao seu tempo”, escreve Agamben na esteira de Nietzsche, “aquele que não coincide perfeitamente com ele nem se adequa às suas exigências e é, por isso, nesse sentido, inatual; mas, precisamente por isso, exatamente através dessa separação e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e de apreender o seu tempo” (AGAMBEN, 2014, p. 22). Essa observação descreve perfeitamente o desafio de ler a relação de Freud com seu tempo e com suas heranças.

Evidentemente, não é tarefa dos editores orientar a interpretação dos textos, que falam por si sós. Contudo, algumas pistas bastante genéricas acerca dos contextos, antecedentes e problemáticas de natureza histórica, social e subjetiva em que estes textos foram gestados - e dos quais eles se separam - podem ser úteis ao leitor de hoje. Afinal, os textos de Freud não foram escritos no vácuo. No que se segue, apontamos algumas dessas pistas, com breves pinceladas, por assim dizer, homeopáticas. Cabe ao leitor seguir seus rastros (consultando a vastíssima bibliografia especializada) ou, se assim preferir, apagá-los.

HERANÇAS OITOCENTISTAS?

Seja sob a forma de tratados médicos dirigidos a especialistas, seja sob a forma de textos didáticos dirigidos aos pais e aos jovens, a “literatura de esclarecimento sexual floresceu em fins do século XIX como jamais havia acontecido antes” (GAY, 1989a, p. 231). Pedagogos, clérigos, médicos e reformadores sociais se digladiavam em torno do tema, disputando o terreno do disciplinamento dos corpos e da validação de práticas sociais e subjetivas. Temas como a educação sexual de crianças, a masturbação, a impotência, a frigidez, as perversões, a contracepção, o controle da natalidade, o prazer sexual ou a sexualidade feminina, entre outros, passaram à ordem do dia e ao regime do saber, principalmente na segunda metade do século. E não por acaso. O século XIX foi o século em que a sexualidade se transformou em objeto de discurso, o século em que a obrigação de falar sobre o sexo se impôs.³ Mas o resultado seria frustrante: o que a galopante cultura capitalista produziu de saber sobre o sexo não passaria, no melhor dos casos, daquilo que Peter Gay chamou de “ignorância erudita” ou ainda de “fuga para o conhecimento” (GAY, 1989a, p. 226; 231), ou ainda, nos termos de Foucault, de “tecnologia de poder” sobre corpos dóceis. Apesar de repudiar as evasivas e o falso pudor, apesar de condenar a política do silêncio e da ignorância, o século XIX não soube disfarçar o constrangimento nem dispensar o eufemismo: ele “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz” (FOUCAULT, 1999, p. 14). O sexo era objeto de discurso, mas apenas para, da maneira mais tênue e insidiosa, dominá-lo e circunscrevê-lo, numa palavra, para discipliná-lo. A *Psychopathia sexualis* de Krafft-Ebing, publicada em 1866, foi reeditada diversas vezes, sem causar, exatamente, escândalo (cf. MAJOR; TALAGRAND, 2017, p. 111): a categoria de *perversão* delimitava comportamentos “desviantes” e fenômenos “excepcionais”, afastando-os da normalidade e nos mantendo a todos, inclusive nossas crianças, numa distância segura em relação à sexualidade. Toda a sexologia anterior a Freud repetia esse gesto. Não devemos nos espantar se os afetos que circundavam o discurso da sexologia e da pedagogia sexual não raro fossem a vergonha, o medo e o temor: da gravidez, da sífilis, do pecado, da degradação. Apenas enquanto a pureza moral ou a prevenção de enfermidades psíquicas e de doenças sociais pudessem ser preservadas é que o discurso sobre o sexo podia se justificar e se disseminar. A *scientia sexualis* era servil à opinião e submissa à ordem (FOUCAULT, 1999, p. 54). O surgimento das “tecnologias médicas do sexo” seria a grande ruptura que inaugura o século XIX (p. 113). Nesse sentido, os ouvidos dos “defensores da sociedade” se voltavam sobretudo para a ciência médica, à qual cabia excluir o patológico e o anormal diante da almejada saúde sexual, e para os agentes da lei, que separavam o criminoso ou o moralmente inaceitável dos supostos normais. O que singulariza o fim do século XIX seria, sobretudo, a aliança até então inédita entre esses discursos. Em grande medida, conhecer e investigar a

sexualidade estava a serviço do conhecimento e do controle de um potencial inimigo da vida civilizada. Tudo isso teria repercussões maiores para o conceito moderno de “identidade subjetiva”,⁴ nos mais diversos níveis.

Algo semelhante se passa com a experiência amorosa. O mesmo século XIX viu o amor se transformar e transformar os indivíduos, as constelações familiares e as convenções sociais. Não muito tempo antes se consolidaria o que se convencionou chamar de “ideal do amor romântico”: uma invenção recente, correlativa à emergência da experiência subjetiva interiorizada,⁵ o amor é, agora, um sentimento espontâneo que brota de dentro para fora, no qual depositamos, de maneira quase exclusiva, nossas expectativas de realização subjetiva e projetamos nosso horizonte de felicidade terrena, muito diferentemente, aliás, do que teria sido a experiência amorosa antiga.⁶ A ascendente burguesia, apesar de seu apego a regras morais e a convenções sociais, não seria mais regida pelos mesmos códigos do casamento aristocrático. Tampouco dispunha da mesma licenciosidade que presumia nas classes “superiores” – e também nas “inferiores”. No máximo, podia sonhar com uma – e repudiar a outra. Cada vez mais o amor impõe-se como fundamento do casamento, e este como espaço íntimo da sexualidade legítima, embora essa redefinição do espaço doméstico em torno do amor-paixão, e os impasses a ela inerentes, desenhasse e prescrevesse, ao mesmo tempo, o espaço externo das aventuras fora do casamento, tema recorrente na literatura e nos diários íntimos cifrados, e colocasse em cena o problema jurídico do divórcio. A abundante literatura sobre o amor, constituída de poesias, romances, tratados teóricos e filosóficos, testemunhava as contradições e os conflitos entre as vanguardas estéticas e políticas, a burguesia e as classes subalternas. Além disso, nesse processo de redefinição dos espaços privado e público, “a moral pública também mergulha cada vez mais fundo no segredo das existências, e o século XIX dará nova amplitude a essa mutação” (CHARTIER, 2009, p. 555).

Stendhal publicaria seu ensaio *De l'amour* (Do amor) em 1820. Poucos anos depois, Balzac traria a lume sua *Physiologie du mariage* (Fisiologia do casamento). Ambos reclamavam para si – e colocavam-se sob – a perspectiva de uma espécie de “fisiologia”, no melhor estilo das psicologias materialistas de então (cf. GAY, 1990, p. 64). Em algum lugar entre a extasiante arte da conquista e o aforismo malicioso ou cínico, uma aguda crítica social se imiscuía. Na França e alhures, “o âmbito em que se faz mais evidente a invasão da autoridade pública é o da própria vida familiar. O casamento foi secularizado” (PERROT, 2009, p. 30). Na Áustria de Freud, os contos eróticos de Arthur Schnitzler, povoados de mocinhas (in)dóceis de classes subalternas arruinadas por homens burgueses em busca do prazer sexual que não obtinham com suas noivas e esposas, funcionavam como uma “crítica mordaz” da hipocrisia vienense (GAY, 1989b, p. 463). Schnitzler, autor da lapidar frase “a certeza/segurança não está em lugar algum” (*Sicherheit ist nirgends*), foi, aliás, aquele a quem Freud confessa em carta ter considerado o seu duplo na vertente artística. Esse autor, que também se dedicou à histeria e foi aluno de Meynert antes de trocar a medicina pela literatura, sofreu condenações em processos por conta de duas obras suas que denunciavam as obstinadamente negadas práticas sexuais de seus contemporâneos. Mais do que investigação, em sua literatura a sexualidade tinha sentido de escrutínio. Stefan Zweig, escritor próximo de Freud e autor tanto de um ensaio biográfico sobre o psicanalista quanto de seu discurso fúnebre, por sua vez, em obras como “Vinte e quatro horas na vida de uma mulher”, denunciava as condições às quais as mulheres estavam submetidas na sociedade, tendo sua educação modelada para papéis sociais restritos ao âmbito familiar. Nas artes plásticas, em certa consonância com tais escritores, Gustav Klimt e sobretudo Egon Schiele desnudavam os aparentemente dóceis corpos femininos, revelando ali uma sensualidade irrefreável. Ao fim e ao cabo, a proliferação de discursos sobre o amor prolongava problemáticas e modelos narrativos emprestados de um passado remoto. Contudo, um fio vermelho alinhava discursos de natureza heterogênea, consolidando uma herança e uma

história que remontavam à Antiguidade, formando o “sólido consenso” (GAY, 1990, p. 47) de que o amor é a união do afeto e da sensualidade, da ternura e da paixão. Ecos desse esquema narrativo ressoam, ainda que refratados, na abordagem freudiana da vida amorosa.

Ao mesmo tempo, o século XIX foi o século das lutas pela emancipação feminina e do início das disputas acerca da sexualidade feminina. Nesse sentido, tudo se passa como se o século tivesse começado, na verdade, uma década antes. Isso porque, na França de 1791, Olympe de Gouges escreveria a célebre *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, e, no ano seguinte, a inglesa Mary Wollstonecraft afirmaria, em *Uma reivindicação dos direitos das mulheres*, que “não existe sexo nas almas”. Diga-se de passagem, a obra pioneira de Wollstonecraft seria traduzida para o alemão⁷ – com um século de atraso – por ninguém menos que Bertha Pappenheim (a célebre Anna O., paciente seminal da psicanálise). A reação masculina à disseminação internacional de publicações (proto)feministas não tardaria. Quando da declaração dos direitos das mulheres na simbólica Assembleia de Seneca Falls, na Nova York de 1848, seguiu-se “uma avalanche de cartuns, editoriais, sermões e panfletos” contra aquelas feministas “desregradas” e “pervertidas”, decididas a “subverter a família e as relações ‘naturais’ entre os sexos” (GAY, 1989b, p. 462). Diante do avanço internacional do movimento feminista, a Áustria promulgaria em 1867 uma lei que proibia qualquer atividade política a crianças, estrangeiros e mulheres, o que não impediu o surgimento de organizações e de publicações.

Entretanto, muitos homens, já naquela época, ergueram-se contra a condição subalterna das mulheres, seguindo a trilha de Condorcet um século antes.⁸ Na Inglaterra, John Stuart Mill, membro do Parlamento desde 1865, submeteu uma petição em favor do direito das mulheres ao voto. Seu pleito foi derrubado por 194 votos contra 73. Pouco depois, publicou *A sujeição das mulheres*, uma defesa contundente da emancipação feminina que, entre outras coisas, desmentia a ideia largamente aceita de que a sujeição das mulheres aos homens fosse natural.⁹ O que nem todo mundo lembra é que o jovem Sigmund Freud, a pedido de Theodor Gomperz, traduziria o livro de Mill para o alemão sob o título de *Sobre a emancipação das mulheres* ainda em 1880, antes mesmo de se diplomar em medicina. Pouco tempo depois, nas cartas a Martha, durante seu noivado, há ecos da profunda divisão subjetiva que aquela leitura provocaria no agora jovem médico, apaixonado e de espírito liberal, que, contudo, aspirava a um casamento tradicional.^{10x}

As investigações de Sigmund Freud nesses domínios – amor, sexualidade e feminilidade – destacam-se desse fundo confuso e heterogêneo da cultura oitocentista. O quadro composto por elementos tão heterogêneos quanto concatenados como o ideal do amor romântico, a hipocrisia sexual e a sujeição feminina não apenas emoldurava externamente o contexto de emergência da psicanálise freudiana, como também seria dissolvido por ela, no gesto mesmo de mostrar suas fissuras. Em certo sentido, Freud herda os mapeamentos e as problemáticas do século XIX. Mas, ao mesmo tempo, provoca uma fissura nos saberes preexistentes e redesenha o mapa que havia herdado.¹¹ O próprio Foucault reconhece a ruptura em jogo na posição singular da psicanálise em relação ao “sistema da degenerescência” e sua “oposição teórica e prática ao fascismo” (FOUCAULT, 1999, p. 112; 141). Nesse novo mapa, o falso pudor e o discurso moral cedem lugar a uma conversa franca e direta, no espaço de suspensão temporária de convenções e normas sociais em que consiste o dispositivo analítico, onde a única regra a ser seguida de forma estrita é a da associação livre; o elogio poético cede lugar a um raciocínio com pretensões científicas; a generalidade é substituída pela atenção ao detalhe ínfimo e ao indício; a forma passa a ser depreendida não por si mesma, mas por sua deformação, no melhor estilo do raciocínio clínico; a catalogação das orientações sexuais e de gênero é contraposta à singularidade do inevitável desencontro traumático com o sexual.

A psicanálise está, nesse sentido, enraizada na história. Não apenas como testemunha: também como agente transformador dessa mesma história. Mas o que isso quer dizer, senão que, assim como nossas

retinas ativam certas células periféricas na ausência da luz, produzindo assim uma visão muito particular *na* e *da* escuridão, do mesmo modo, manter o olhar fixo em seu próprio tempo não serve principalmente para perceber aquilo que se mostra na claridade do dia, mas justamente aquilo que se esconde na escuridão, e que só é visível na penumbra.^{12xiii} Nesse sentido, Freud é perfeitamente contemporâneo não apenas de seu próprio tempo, mas também do nosso. Afinal, “contemporâneo é, exatamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (AGAMBEN, 2014, p. 25). Justamente porque neutraliza as luzes de seu próprio tempo, Freud está profundamente enraizado naquilo que em seu tempo histórico é, na verdade, inatural. Não foi a psicanálise que desativou o dispositivo médico que silenciava o sofrimento histérico e, ao fazê-lo, deu-lhe voz, uma voz que, justamente, denunciava o liame invisível entre um certo saber psicopatológico e a hipocrisia sexual? Não foi Freud quem retirou os sonhos e as fantasias sexuais infantis das brumas do absurdo e da inexistência, e lhes emprestou uma linguagem e uma forma? Não foi o divã – e a associação livre – que liberou a palavra das regras tácitas da conversação ordinária e ofereceu a ela um espaço em que aquilo que não se pode dizer finalmente ganhava corpo e surpreendia inclusive aquele que fala?

Não por acaso, também, Freud é um autor no qual se cruzam conflitos e contradições. Nos temas reunidos neste volume, isso se mostra com especial clareza. Não obstante o aparente conservadorismo da vida doméstica da Bergasse, “nas campanhas da época relativas a temas sexuais, tais como a reforma da lei do divórcio, a legalização da homossexualidade e do aborto, Freud era um liberal sem qualquer ambiguidade” (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011, p. 603). Freud, que em sua vida familiar não deixava de observar um certo “estilo vitoriano”, ainda que indiretamente e quase sem querer, teria um papel inestimável na consolidação de algumas bandeiras das lutas das mulheres: “ciente de que sua doutrina, não obstante afastada das lutas feministas, participava amplamente da emancipação das mulheres, [Freud] via-se como um homem do passado, não tendo ele mesmo desfrutado da revolução sexual que impusera à sociedade ocidental. De certa forma, o século XX era mais freudiano do que Freud” (ROUDINESCO, 2016, p. 347). Ou, como sintetizam perfeitamente Lisa Appignanesi e John Forrester: “a dificuldade do caso é ainda maior: se os pontos de vista do homem Freud muitas vezes foram conservadores, a prática do psicanalista Freud com certeza foi revolucionária” (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011, p. 38). Mas mesmo dizer isso ainda é pouco. Se Freud é contemporâneo, isso não provém de seu arbítrio, mas de uma exigência subjetiva. Isso porque “o contemporâneo é aquele que percebe a escuridão de seu tempo como algo que lhe diz respeito e não cessa de interpelá-lo, alguma coisa que, mais que qualquer luz, dirige-se direta e singularmente a ele” (AGAMBEN, 2014, p. 26).

FEMININOS

Em uma carta a Stefan Zweig, datada de 2 de junho de 1932, Freud reconstrói o longínquo caso de Anna O., tratada por Josef Breuer no início dos anos 1880. Breuer teria deixado escorrer por entre os dedos a chave da interpretação da transferência, ao recuar diante do amor da paciente, cujo ápice é o episódio de sua gravidez histérica. Apesar de sua inteligência inquestionável, Breuer não tinha nada de “faustiano”. Para não recuar diante da histeria, seria preciso um outro espírito, aquele que, “indômito, impele sempre adiante” (GOETHE, *Fausto I*, verso 1857; também citado por Freud em *Além do princípio do prazer*). Goethe, o autor do livro mais citado por Freud em toda sua obra, *Fausto*, seria o poeta que representou a diversidade de manifestações do amor e sua insólita unidade (cf. MANGO, 2013, p. 48), e que fez Fausto sentir uma atração irresistível pelo “eterno feminino”: “Ao lado de mulheres como Lida, pseudônimo poético de Charlotte von Stein, Ifigênia, a princesa de *Tasso*, Stella e muitas outras, que representam o amor ideal, elevado, movido pelo impulso rumo à redenção e à ética do respeito, Goethe criou figuras do amor sensual, irresistíveis,

exaltadas pela força do prazer e da volúpia, talvez as mais belas: a Margarida do *Fausto*; a Clarita de *Egmont*; a amante das *Elegias romanas*; a prostituta de “Deus e a dançarina indian”; a Zuleika de *O divã ocidental-oriental* (MANGO, 2013, p. 49). Mas a figura central nessa trama é a sensual Helena, que no *Fausto II* consagra a concepção pagã de Eros culminando com a geração de Euphorion (filho de Fausto com Helena), fruto de fugaz existência. Para alcançar Helena, Fausto deve atravessar o reino das Mães. “O ato heroico e mágico de Fausto – ele necessita da intervenção mefistofélica para realizá-lo – é fazer Helena aparecer depois de ter atravessado o ‘inquietante’ reino das Mães” (MANGO, 2013, p. 51).

Com efeito, a prática de Freud e sua vida familiar e profissional foram atravessadas de ponta a ponta pela influência e presença de mulheres. Quando, em 1910, a Sociedade Psicanalítica de Viena revia seus estatutos internos, houve oposição de alguns membros à admissão de mulheres. Diga-se de passagem, naquela altura, o acesso de mulheres a carreiras profissionais era, para dizer o mínimo, incipiente, sendo bastante raras mulheres com formação médica. Freud posicionou-se firmemente a favor da admissão de mulheres. Com efeito, Margarete Hilferding foi a primeira representante feminina a fazer parte do círculo, tendo sido eleita em abril de 1910, apesar de alguns votos desfavoráveis.^{13xiii} Visto com lentes de hoje, talvez pareça um gesto insignificante. Mas se lembrarmos que, apenas 10 anos antes, a Universidade de Viena ainda não admitia mulheres, a perspectiva se inverte. Aliás, pouco antes da virada do século, eminentes professores da Faculdade de Medicina se opunham até mesmo à melhoria do ensino médio para mulheres, temendo que pudessem em seguida reivindicar o acesso à universidade. Foi naquela altura que começaram a circular petições reivindicando o direito ao ingresso de mulheres nas escolas de medicina.^{14xiv} Foi o que, de fato, aconteceu, no mesmo ano em que seria publicada a *Interpretação dos sonhos*. Aliás, o longo Código Civil austríaco, em vigor desde 1811, assegurava ao homem o posto de chefe de família e de representante legal da esposa e dos filhos, reservando à mulher o âmbito doméstico e concedendo-lhe não mais do que o direito à subsistência. Não custa lembrar que, naquela altura, um livro como *Sobre a debilidade mental fisiológica das mulheres*, um *best-seller* da misoginia, escrito pelo renomado neurologista Paul Julius Möbius, não apenas circulava nos meios científicos, mas também justificava fisiologicamente práticas de dominação social.^{15xv} Freud, bastante cedo, reagiria veementemente contra tais ideias.

Já na segunda década do século XX, o movimento psicanalítico seria fortemente marcado pela presença de mulheres psicanalistas, fato bastante incomum em outras profissões liberais naquela altura.^{16xvi} Em grande parte, isso se devia não apenas à crescente modernização da cultura,^{17xvii} mas também ao incentivo de Freud à atividade profissional e à independência social das mulheres (cf. ROUDINESCO, 2016, p. 347). Não apenas Anna Freud e Melanie Klein, mas também Sabina Spielrein, Helene Deutsch, Jeanne Lampl-de Groot, Karen Horney, Ruth Mack Brunswick e Joan Riviere fizeram contribuições decisivas e tiveram papel ativo na construção da psicanálise. Outras mulheres marcantes e independentes, como a princesa Marie Bonaparte ou Lou Andreas-Salomé, estabeleceriam laços de intimidade e de intensa colaboração intelectual e mesmo vital com Freud. Isso sem falar no papel inestimável que tinham tido mulheres como Bertha Pappenheim (Anna O., paciente de Breuer), Anna von Lieben (Cäcilie M.), Fanny Moser (Emmy von N.), Ida Bauer (Dora) ou Margareth Csonka (conhecida na literatura psicanalítica como “a jovem homossexual”) na descoberta e nos destinos da psicanálise, não apenas como pacientes com ricas histórias clínicas capazes de induzir novos conceitos e de exigir a reformulação de práticas (fazendo o médico se calar e o analista rever sua teoria e sua técnica), mas também como sujeitos cujos sintomas exibiam uma trama complexa de determinações intra e extrapsíquicas. Com efeito, na passagem do século, a histeria, com sua sintomatologia que se localiza na fina fronteira que separa o subjetivo e o social, nessa encruzilhada entre um vetor clínico e um vetor político, manifesta uma outra maneira de construir e de habitar o feminino.

Quem eram, pois, as mulheres na vida de Freud? Quais eram os modelos femininos a partir dos quais ele construiu – e reconstruiu – sua própria imagem da feminilidade? Além dos nomes supracitados, alguns biógrafos enfatizaram o papel das mulheres de sua família: a mãe (Amalia), a esposa (Martha), a cunhada (Minna) e suas filhas (Mathilde, Sophie e Anna). Mas por que não incluir nessa lista, sob o influxo das “Lembranças encobridoras”, os nomes de Gisela Fluss e de sua mãe, Eleonora, paixões do jovem Sigismund, que o fizeram reconhecer em si pela primeira vez a divisão das correntes afetiva e erótica, transferindo sob a forma de amizade o respeito maternal à jovem ou confessando uma ardente paixão dirigida àquela mãe moderna e liberal, tão diferente de sua própria mãe?

Algumas daquelas mulheres psicanalistas, aliás, encarnavam, não apenas teoricamente, mas também em suas vidas práticas, aspirações feministas nem sempre fáceis de se concretizarem naquela época. Talvez isso tudo esteja relacionado a uma característica exclusiva do modelo de formação profissional da psicanálise, ausente nas demais profissões: a passagem de paciente a praticante, ou, em termos mais precisos, a passagem de analisante a analista.^{18xviii} Afinal, independentemente de origem étnica, classe ou gênero, “o objetivo do tratamento nunca será algo diferente do que a cura prática do doente, o estabelecimento de sua capacidade de realizar e de gozar” (FREUD, 2016, p. 57).^{19xix}

Não custa insistir no fato de que rótulos como “vitoriano”, “feminista” ou “antifeminista” não eram, como sequer são hoje em dia, monolíticos: “existiam antifeministas que queriam impedir o direito de voto às mulheres, mas defendiam seu direito à instrução superior, ao controle sobre seus bens ou o acesso equitativo ao tribunal de divórcios. Existiam feministas, presumivelmente adversárias das antifeministas, que adotavam uma linha muito parecida”.^{20xx}

O complexo tema da sexualidade feminina, curiosamente, não parecia ser uma bandeira prioritária das feministas austríacas. Não obstante, o debate sobre a sexualidade feminina constituiu-se num terreno de disputas ainda no século XIX: a investigação da experiência erótica oitocentista não pode ser separada “do debate que se travava no século XIX acerca da sexualidade feminina” (GAY, 1989a, p. 110). Particularmente, o tema da sexualidade feminina foi intensamente debatido pela comunidade psicanalítica nos anos 1920-1930. Psicanalistas mulheres, vindas de vários países, que tinham engajamentos sociais e políticos variados, biografias diversas, experiências clínicas desiguais, tiveram um papel decisivo na forma de participação nos congressos psicanalíticos, nas inúmeras publicações científicas da época, nos debates e enfrentamentos com a doutrina de Freud. O leitor de hoje talvez possa ter a impressão de que não havia debates fecundos ou que a palavra de Freud não era contestada e/ou submetida ao crivo de outras experiências e tendências. Mas a história das ideias psicanalíticas rapidamente desmente essa impressão. O movimento psicanalítico foi bastante plural e aberto ao contraditório: uma rápida revisão do volume de publicações dos principais periódicos publicados ainda durante a vida de Freud é suficiente para demonstrar tal fato. O debate sobre a sexualidade feminina, por exemplo, dividiu as escolas de matriz inglesa e matriz vienense, que defenderam posições fortemente contrastantes, sem, contudo, culminar em quaisquer rupturas, repreensões ou expurgos. Freud reconhece de bom grado o papel que as analistas mulheres tiveram no debate. A tal ponto que uma das premissas fundamentais acerca da natureza da libido, qual seja, sua natureza eminentemente masculina, premissa sustentada com uma teimosia inabalável durante três décadas, parece finalmente vacilar, logo após o intenso debate da comunidade psicanalítica acerca da sexualidade feminina. Com efeito, na Conferência de 1933, “A feminilidade”, lemos: “Só existe uma libido,²¹ que está a serviço tanto da função sexual masculina quanto da feminina. A ela própria não podemos atribuir nenhum sexo” (neste volume, p. 337).²²

Um dos aforismos mais conhecidos do século XX foi formulado por Simone de Beauvoir. Sua fórmula contundente e concisa transformou-se numa das bandeiras mais importantes das lutas pela emancipação da mulher: “*On ne naît pas femme: on le devient*” (“Não se nasce mulher: torna-se mulher”, em tradução livre). É inegável que, quase duas décadas antes, Freud tenha contribuído a aplainar o terreno: “Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é – isto seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver – mas sim, pesquisar como ela se torna mulher” (p. 317).²³

AINDA SOBRE A COMPOSIÇÃO DESTE VOLUME

Outras edições temáticas da obra de Freud propuseram volumes semelhantes a este em sua organização. A *Studienausgabe*, famosa edição de estudos alemã, reuniu em seu volume V, sob o título de *Sexualleben* (Vida sexual), uma boa parte dos textos aqui publicados. Contudo, na presente coleção, decidimos publicar “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898) e “Minhas perspectivas sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” (1906 [1905]) no volume sobre *Histeria, neurose obsessiva e outras neuroses*, valorizando sobretudo o papel da sexualidade como fator etiológico. Sobre a composição do presente volume, uma questão importante precisa ser respondida: por que, afinal, esta coletânea não contém o texto seminal de Freud acerca da sexualidade, os célebres *Três ensaios sobre a teoria sexual*? Não basta lembrar o precedente aberto pela edição francesa intitulada *La vie sexuelle*, publicada por Jean Laplanche na coleção Bibliothèque de Psychanalyse (Paris: PUF, 1969). Isso porque, no fundo, a pergunta já contém a resposta: justamente por ser o texto *princeps* de Freud acerca da sexualidade, nesta coleção, os *Três ensaios* merecem uma edição à parte, num volume consagrado a ele, suas variantes, seus acréscimos, além de paratextos substanciais. Com efeito, trata-se talvez do livro de Freud que mais sofreu alterações e revisões do próprio Freud em suas oito edições durante sua vida... De todo modo, algumas das principais ideias contidas nos *Três ensaios* são, ainda que de maneira fragmentária, abordados no conjunto de artigos que o leitor tem em mãos. Em compensação, o presente volume incluiu um material inexistente em outras coletâneas desta natureza: as cartas sobre a bissexualidade, uma carta sobre a homossexualidade, e a conferência sobre a feminilidade. Este volume conta com um aparato editorial original, que contém não apenas notas da tradutora (N.T.), mas também notas do revisor (N.R.), elaboradas pelo coordenador de tradução, e notas do editor (N.E.). Ao fim de cada texto de Freud, o editor incluiu ainda uma nota (não numerada) que pretende reconstituir sumariamente a gênese e o contexto discursivo de cada ensaio, assim como apontar, sempre que possível, as principais linhas de força do texto, e referir uma ou outra notícia acerca de sua recepção ou repercussão na história da psicanálise.

AGRADECIMENTOS

Este volume, como de costume, contou com a ampla participação de amigos e colaboradores. A cada novo volume, o esforço coletivo tem se mostrado mais decisivo na construção desta coleção. Gostaríamos de agradecer, primeiramente a Maria Rita Salzano Moraes, tradutora disposta e competente; a Maria Rita Kehl, pela disponibilidade e afinco com que redigiu o Posfácio; ao auxílio luxuoso de Ana Cecília de Carvalho, Carla Rodrigues, Jeferson Machado Pinto, Jésus Santiago, Marcus Vinícius Silva e Paulo César Ribeiro, que contribuíram com ricos debates e com perspectivas diversas para a confecção das notas desta edição, que o leitor encontrará ao fim de cada texto freudiano; a Ernani Chaves, que mais uma vez contribuiu com sua erudição ao esclarecimento de passagens polêmicas; a Claudia Moreira, por seu devir.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- ANDERSON, Harriet. *Utopian Feminism: Women's Movements in Fin-de-Siècle Vienna*. New Haven: Yale University Press, 1992.
- APPIGNANESI, Lisa; FORRESTER, John. *As mulheres de Freud*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BUTLER, Judith, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *Différence sexuel, différence ontologique (Geschlecht I)*. In: *Heidegger et la question*. Paris: Champs Flammarion, 1990. p. 145-172.
- DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité 4: Les aveux de la chair*. Paris: Gallimard, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989a.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LACAN, Jacques. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001. (Ed. bras: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.)
- LE RIDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992
- MAJOR, René; TALAGRAND, Chantal. *Freud*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- MANGO, Edmundo G; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- MEZAN, Renato. *Freud: pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERROT, Michele (Org.). *História da vida privada 4: da revolução francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PINTO, Jeferson M. *Psicanálise, feminino, singular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- ZUPANČIČ, Alenka. *What IS Sex?*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2017.

¹ O excelente trabalho de Le Rider (1992) continua sendo uma referência incontornável. Na página 183, ele afirma, por exemplo, que “a época de 1900 é vivenciada por seus contemporâneos como o desmoronamento das certezas e dos valores tradicionalmente ‘viris’”. Ver ainda os cuidadosos trabalhos historiográficos de Peter Gay (1989a, 1990), cuja leitura contrasta frontalmente com a visão resumida, por exemplo, por Shulamith Firestone de que a era vitoriana seria “caracterizada pela centralidade da família

e, por consequência, pela opressão e repressão sexual exageradas” (FIRESTONE. *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* apud APPIGNANESI; FORRESTER, 2011, p. 658).

² Ver, por exemplo, o influente trabalho de Jacques Derrida (2007) ou, mais recentemente, o segundo capítulo do importante estudo de Judith Butler (2003). Nas décadas de 1960 e 1970 o debate foi acalorado. A vasta bibliografia produzida então reflete isso, incluindo desde as mais ferrenhas oposições a Freud, como as de Kate Millett ou Betty Friedan, até posições mais nuançadas, como em Juliet Mitchell, Nancy Chodorow, Jacqueline Rose, Julia Kristeva, entre tantos nomes importantes entre psicanalistas feministas. Ver, a esse respeito, notas editoriais aos textos sobre a diferença sexual no presente volume.

³ Conforme nos ensinou Michel Foucault, a obrigação de falar do sexo está relacionada aos mecanismos de poder que penetram na intimidade do desejo e do prazer. Foucault chega a falar de uma “explosão discursiva”, concomitante a uma “polícia dos enunciados” e a uma “retórica da alusão” e “da metáfora”. (Cf. FOUCAULT, 1999, p. 16ss; p. 21). Contudo, ele remonta esse processo a ainda mais longe, ao limiar da idade clássica. Apesar das marcantes divergências entre as abordagens de Gay e de Foucault, tomamos aqui as linhas de força que caracterizam os saberes no século XIX, privilegiando os pontos de convergência.

⁴ A identidade subjetiva passa a ser cada vez mais distanciada do reconhecimento intersubjetivo e cada vez mais apoiada em aspectos biológicos da vida nua: na antropometria, na fotografia documental, nas impressões digitais e, mais recentemente, em sequenciamento do DNA e em biometria. Procedimentos inventados para identificar criminosos passaram a ser estendidos ao cidadão comum, processo que se difundiu exponencialmente desde o século XIX. Com o desenvolvimento de técnicas policiais de reconhecimento aliadas ao saber médico, “pela primeira vez na história da humanidade, a identidade não era mais função da ‘persona’ social e do seu reconhecimento, mas de dados biológicos que não podiam ter com ela nenhuma relação” (AGAMBEN, 2014, p. 82).

^{v5} Ver, sobretudo, o célebre estudo coordenado por Philippe Ariès e publicado postumamente (CHARTIER, 2009, cap. 2).

^{vi6} No amor antigo, “o poder amoroso vem de fora do indivíduo, emana de locais celestes ou funestos e abala o equilíbrio dos líquidos corporais” (CHARTIER, 2009, p. 242). Ver ainda, a esse respeito, Jurandir Freire Costa (1998). Finalmente, para ir ainda mais longe, ver o recém-lançado quarto volume da *História da sexualidade*, de Michel Foucault, *Les aveux de la chair* (2018).

⁷ No Brasil, esse texto seria traduzido no século XIX pela feminista Nísia Floresta e, teria impulsionado sua luta pela educação das mulheres como instrumento de emancipação. A inspiração europeia seguiu influenciando os movimentos feministas no Brasil, nas campanhas das sufragistas do início do século XX e na recepção das teorias feministas da segunda onda feminista, a partir dos anos 1960.

⁸ Com sua fina ironia e no melhor espírito emancipador da Revolução, o filósofo francês escreveria em 1790: “por que razões seres expostos à gravidez e a indisposições passageiras não poderiam exercer direitos dos quais nunca ninguém pensou em privar as pessoas que sofrem de gota todos os invernos ou as que facilmente se constipam?” (CONDORCET apud KEHL, 2016, p. 47).

⁹ Ponto defendido, de maneiras diferentes, por autores como Rousseau, Burke, Kant e Hegel. A esse respeito, Maria Rita Kehl (2016, p. 49) anota com precisão que “a enorme produção teórica entre os séculos XVIII e XIX destinada a fixar a mulher no lugar ao qual sua verdadeira natureza a destinou nos faz desconfiar da ‘naturalidade’ desse lugar”.

¹⁰ Ver, especialmente, a carta de 15 de novembro de 1883, em que Freud censura no autor inglês não apenas o caráter “puritano ou tão extraterreno” de sua autobiografia, mas ainda seu escasso “senso do absurdo” no que concerne à emancipação das mulheres. Felizmente, a história, nesse quesito, parece ter dado razão a Mill. Na mesma carta, contudo, Freud ressalta pontos importantes: Mill teria não apenas desconsiderado a diferença entre os sexos, como também omitido a própria sexualidade enquanto tal. Além disso, o futuro psicanalista manifesta seu ceticismo em relação ao alcance que reformas na legislação e na educação poderiam ter na regulação da diferença sexual, concebendo a relação entre sexualidade e a civilização como estando estruturalmente em desacordo. A mulher é algo distinto [*etwas anderes*] em relação ao

homem. A frase completa, embora um pouco truncada, é esta: “Em toda a sua figuração [de J. S. Mill] não se aventa que a mulher seja algo distinto – o que não quer dizer que seja algo mais limitado, antes o contrário – em relação ao homem”. Não é necessário lembrar que estamos em 1883, muito antes de Freud tornar-se Freud. Muitos anos mais tarde, em carta a Romain Rolland em 4 de março de 1923, resume sua vida como um longo trabalho de “desconstrução de minhas próprias ilusões e as da humanidade”.

¹¹ “O paradigma histórico do sofrimento traz consigo um conjunto de novidades que rompem com o sofrimento romântico, hegemônico na primeira metade do século XIX, pois ele é a expressão de uma forma de vida feminina (por isso os surrealistas diziam que a histeria era o maior acontecimento político do século XIX) que denuncia uma inadaptação do indivíduo à sua própria experiência corporal e que espontaneamente opõe-se ao modelo de autocontrole e autodeterminação, hegemônico nas figuras de alienação ligadas ao universo liberal e disciplinar” (DUNKER, 2017, p. 195-196).

^{xiii}¹² Jacques Lacan (2003, p. 17) escreve: “quando invoco então as Luzes, é por demonstrar onde ela faz furo”.

¹³ No ano seguinte, Hilferding apresentou um trabalho em que desmistificava a pureza e a naturalidade do amor materno (cf. KEHL, 2016, p. 64).

^{xiv}¹⁴ Com efeito, Marianne Hainisch (1839-1936), pioneira do feminismo austríaco, foi uma das que levantou justamente essas bandeiras. Antes da virada do século, o movimento feminista já tinha obtido vitórias significativas, como a criação, em 1892, da Escola Ginásial para Garotas de Viena e, cinco anos mais tarde, a admissão irrestrita de mulheres na Universidade de Viena, direito que se estendeu, em 1900, inclusive à Faculdade de Medicina. Na complexa e contraditória Viena *fin-de-siècle*, parte do movimento feminista atuaria principalmente em sua vertente utópica, apostando mais na emancipação individual e moral das mulheres do que em transformações sociais mais profundas. Outras pioneiras, como Auguste Fickert (1855-1910), queriam ir mais longe. Líder do movimento visto como o mais “radical” da Viena daquela época, a Associação Geral de Mulheres, defendeu não apenas o sufrágio universal, mas também a proteção legal das mulheres da classe trabalhadora. A associação, fundada em 1893, foi ativa até 1919. Durante algum tempo, junto com outras pioneiras como Marie Lang (1858-1934) e Rosa Mayreder (1858-1938), publicou o periódico *Dokumente der Frauen* (*Documentos das mulheres*), no qual discutia-se política, direito, medicina e, desde bastante cedo, psicanálise. Emma Eckstein, a ex-paciente de Freud retratada no famoso “Sonho da injeção de Irma”, escreveu para o periódico, por volta do período em que exerceu a psicanálise. Os caminhos de Mayreder e de Freud se cruzaram por volta de 1912. Seu marido Karl, depois de episódios de intenso sofrimento mental, foi levado a Freud e a Adler. O tratamento não obteve êxito. No final de sua carreira, Mayreder não poupou críticas a Freud.

¹⁵ A bibliografia a esse respeito também é vastíssima, mas vale ressaltar, particularmente, o modo como Virginia Woolf aborda o tema, no final da década de 1920, em *Um teto todo seu*.

¹⁶ “O percentual de mulheres na profissão de psicanalista tem sido sensivelmente maior do que em qualquer outra. Em 1940, 40% dos analistas na Grã-Bretanha eram mulheres; o restante do movimento psicanalítico internacional alcançou 30% na década de 1930. Entre 1920 e 1980, uma média de 27% dos analistas na Europa eram mulheres, enquanto nos Estados Unidos, onde um diploma de medicina era necessário, ainda assim o percentual médio era de expressivos 17%. Em comparação, o percentual de mulheres na medicina era de 4% a 7%, e no direito, de 1% a 5%, no mesmo período. Esses números, por si sós, deveriam nos fazer questionar o tratamento historiográfico dado à psicanálise, tanto pelos historiadores homens, quanto pelas feministas” (APPIGNANESI; FORRESTER, 2011, p. 41).

¹⁷ Le Rider (1992, p. 205) descreve como um dos resultados da modernização “o novo status das mulheres nas cidades grandes, onde as diferenças entre os sexos são cada vez menos perceptíveis no trabalho e na vida cotidiana”.

¹⁸ A bibliografia a esse respeito é abundante, principalmente entre lacanianos, cuja aposta no dispositivo do passe é um elemento central da formação analítica. Além disso, para muito lacanianos, o final de análise pode estar relacionado a um ultrapassamento da lógica fálica em direção ao gozo feminino,

argumento que reforçaria enormemente o ponto de vista esboçado acima. Cf. a esse respeito “A produção de conhecimento em psicanálise como *sinthome* do analista (PINTO, 2008).

¹⁹ Passagem muitas vezes traduzida errônea e restritivamente como “capacidade de trabalhar e de amar” (cf. a nota do editor brasileiro para “O método psicanalítico freudiano”. Nesta coleção em *Fundamentos da clínica psicanalítica*).

²⁰ O quadro era particularmente complexo: “Entre as feministas, as socialistas sustentavam que apenas a derrubada do capitalismo traria a libertação das mulheres; as estrategistas políticas insistiam no sufrágio universal” (GAY, 1989b, p. 461-462, trad. modificada).

²¹ Ver o excelente comentário de Zupančič (2017, p. 44 ss), que tira consequências ontológicas da diferença sexual.

²² Em debate com Heidegger sobre a diferença sexual, o filósofo Jacques Derrida faz uma crítica à neutralidade do *Dasein* como “ente exemplar”. Tal neutralidade seria uma forma de não conferir a ele nenhum tipo de predeterminação antropológica, ética ou metafísica. Embora o *Dasein* seja neutro, Heidegger não tem nenhuma dúvida de que, quando vem a adquirir marca sexual, essas marcas são duas, o que levará Derrida a propor que, se o *Dasein* não é um homem, “a primeira conclusão a tomar é que ele não se submete à divisão binária com a qual se pensa mais espontaneamente nesse caso, a diferença sexual. Se não designa o homem, também não designa, *a fortiori*, nem o homem nem a mulher” (DERRIDA, 1990, p. 154). Com isso, Derrida estaria de algum modo endossando e radicalizando a ideia freudiana aqui esboçada de uma sexualidade pulsional “neutra”, pré-diferencial, pré-dual.

²³ Apesar das marcantes divergências teóricas entre a perspectiva psicanalítica freudiana e o existencialismo de Beauvoir, o que importa ressaltar aqui é que esse “devir-mulher” supõe “desontologizar” a existência subjetiva, como mostra aliás Judith Butler. Por sua vez, o projeto de radicalizar o “tornar-se” como aquilo que lança o sujeito numa experiência de “constituir-se”, que não é fundado no sexo anatômico nem em categorias reificadas de gênero, supõe ainda uma aposta radical no desamparo constitutivo. Aposta que está na base do pensamento de Freud, desde 1895, como condição fundamental de constituição subjetiva diante da alteridade.

Cartas sobre a bissexualidade

CARTA 153 [23] DE FREUD A FLIEß

Viena, 4 de janeiro de 1898

Querido Wilhelm,

A caracterização respeitosa da fotografia de Annerl¹ feita por Robertchen² é realmente muito engraçada. Ele é um rapaz adorável – caso você ainda não saiba.

Hoje estou enviando a você o n.º 2 dos relatórios dreccológicos³ de uma revista muito interessante, editada por mim para um único leitor. O n.º 1, que guardei comigo, contém sonhos confusos, que dificilmente poderiam te interessar, e pertencem à minha autoanálise que ainda avança aos trancos, inteiramente às escuras. Estou solicitando devolução, tendo em vista uma posterior compreensão, mas com certeza não num futuro imediato.⁴ Como sempre, a semana seguinte à nossa conversa foi muito produtiva para mim. Depois, seguiram-se alguns dias estéreis, com um humor miserável e dores de cabeça (e do coração) deslocadas para as pernas. Desde hoje de manhã, total desanuviamiento. Continuarei me esforçando e errando.

É bastante interessante para mim que te incomode tanto a minha posição ainda desfavorável à interpretação do sinistrismo.⁵ Quero tentar ser objetivo, porque sei exatamente o quanto isso é difícil.

Parece tratar-se do seguinte: fiquei formalmente tocado pela ênfase na bissexualidade e considero essa sua ocorrência de pensamento a mais importante para os meus temas desde a “defesa”. Se eu tivesse aversão por razões pessoais, por ser eu mesmo um tanto neurótico, essa aversão teria, necessariamente, que se voltar justamente contra a bissexualidade, que responsabilizamos pela tendência ao recalçamento. Ocorre-me que me oponho apenas à imbricação da bissexualidade com a bilateralidade, que você requer.⁶ Não assumi, de início, nenhuma posição em relação a essa ideia, porque ainda me sentia muito afastado do tema. Em Breslau, na segunda tarde, em consequência da reação nasal, sentia-me como se tivesse sido abatido na cabeça, do contrário eu teria podido colocar a dúvida que sentia como uma objeção, ou melhor, teria podido retomar isso, quando você mesmo disse que cada uma das duas metades conteria provavelmente as duas espécies de órgãos sexuais. Onde fica então, de fato, por

exemplo, a feminilidade da metade esquerda no homem, se ela inclui um testículo (e os correspondentes órgãos sexuais masculinos/“femininos” inferiores) como a direita? Seu postulado, de que em todos os resultados o masculino e o feminino precisariam unir-se, já está satisfeito com uma metade!

Além disso, ocorreu-me que você me considerava um tanto canhoto; e se isso era verdade, poderia ter-me dito, tendo em vista que esse autoconhecimento em nada me magoa. Está apenas em você o fato de não saber tudo o que há de mais discreto a meu respeito; tanto quanto sei, me conhece há muito tempo. Mas não sei nada sobre uma preferência pela esquerda, agora, ou na infância; ao contrário, eu poderia dizer que durante alguns anos eu tinha duas mãos esquerdas. Só posso lhe dizer uma coisa: não sei se para os outros é sempre evidente onde ficam a sua direita e a sua esquerda e onde estão a direita e a esquerda nos outros. No meu caso (em anos mais remotos), era mais uma questão de ter que pensar onde ficava a minha direita; nenhuma sensação orgânica me dizia isso. Eu costumava tentar fazer os movimentos rápidos de escrita com a direita. No caso dos outros, eu ainda hoje preciso calcular sua posição, etc. Talvez isso se harmonize com a sua concepção, talvez tenha a ver com o fato de que, em geral, eu possua uma noção espacial vergonhosamente reduzida, o que me tornou impossíveis todos os estudos geométricos e tudo o que daí deriva.

É o que me parece. Mas sei perfeitamente que isso pode ser diferente e que, até agora, a minha aversão em relação à sua concepção do sinistrismo pode estar baseada em motivos inconscientes. Se eles forem históricos, certamente não terão nada a ver com o tema e estarão atendo-se apenas à forma de expressão. Por exemplo, que eu tenha feito alguma coisa que só se faz com a esquerda. A explicação para isso virá algum dia, Deus sabe quando.

Só fiquei sabendo da verdade sobre P. I.⁷ depois do meu retorno. Se realmente há alguma coisa com ele, ele será tão minimamente impedido – por esse deslize quanto Meynert⁸ por sua embriaguez por clorofórmio – de fazer isso valer. – Ah! O vício originário! O pobre rapaz é a complementação necessária do filisteísmo e da hipocrisia do círculo todo.

Você tem que me prometer não esperar nada do *Gartenlaube*.⁹ Será realmente conversa fiada, boa o suficiente para as pessoas, e não terá por que ser de interesse para nós.

Na quarta-feira iremos com a sua família inteira (Bondy e Rie)¹⁰ ao Carltheater assistir a uma peça judaica de Herzl, uma noite de estreia, que já teve o seu papel em meus sonhos.¹¹

De onde conseguiu a citação dos professores e das orelhas? Gostaria de tomá-las de você. Recentemente, em uma fantasia diurna (das quais ainda não estou absolutamente livre), arremessei as seguintes palavras contra Sua Excelência, o ministro da Educação: “A mim o senhor não pode intimidar. Sei que ainda serei Docente de Universidade [*Privatdozent*], muito depois de o senhor ter deixado de ser chamado de ministro”.

Fique bem, então, e escreva logo de novo, antes que eu venha com o n.º 3. No meu lado do túnel está bem escuro; para você, nesse trabalho, até o sol e as estrelas estão brilhando.

Cordialmente seu,
Sigm.

CARTA 161 [85] DE FREUD A FLIEß

Viena, 15 de março de 1898 IX., Berggasse 19

Dr. Sigm. Freud
Docente Universitário de doenças nervosas

Querido Wilhelm!

Se algum dia subestimei Conrad Ferdinand, há tempos fui convertido por você “à porta do céu”.¹² Peço-lhe que me ceda aquele trecho para o futuro trabalho sobre a histeria.

E também não subestimo a bissexualidade de modo algum; dela espero obter toda a iluminação adicional, especialmente a partir daquele momento no mercado de Breslau, em que travamos uma conversa. Só estou afastado dela agora porque, enterrado em um poço profundo, não enxergo mais nada. Minha disposição para o trabalho parece ser uma função da distância entre nossos congressos. Neste momento estou simplesmente aparvalhado; durmo durante as análises da tarde; não me ocorre absolutamente mais nada. Eu realmente acredito que meu modo de vida, as oito horas de análise nos oito meses no ano, são-me devastadoras. Infelizmente, minha sensibilidade, que deveria aconselhar-me ao descanso de tempos em tempos, não conseguiu sustentar-se diante do péssimo rendimento financeiro destes tempos e das perspectivas de outros ainda piores. Dessa maneira, eu continuo a trabalhar como um cavalo de coche, como se diz aqui. Passou-me pela cabeça que você tivesse querido ler o trabalho sobre os sonhos e que seria discreto demais para pedi-lo. Não é necessário explicar que eu o teria enviado antes do prelo. Mas como ele está parado de novo, posso mandar a você até mesmo em fragmentos. Para isso, então, algumas explicações. Trata-se de um segundo capítulo. O primeiro sobre a literatura ainda não foi escrito. Será seguido por:

3. Material do sonho;
4. Sonhos típicos;
5. Processo psíquico no sonho;
6. Sonho e neuroses.

Os dois sonhos aqui mencionados retornarão em capítulos posteriores; sua ainda incompleta interpretação será então concluída. Espero que não faça objeção às observações sinceras que fiz no sonho da cátedra.¹³ Os filisteus ficarão contentes em poder dizer que, com isso, eu tornei as coisas impossíveis.

O que talvez o espante no sonho terá mais tarde a sua explicação (minha ambição). Observações sobre o *Édipo Rei*, o conto de fadas do talismã e talvez o *Hamlet* terão seu lugar. Onde eu terei de consultar sobre a lenda de Édipo ainda não sei.

Minha ponderação em sobrecarregá-lo em um momento em que não está com disposição para o trabalho eu combato com a consideração de que a coisa, em seu conteúdo especulativo mínimo, provavelmente irá apenas diverti-lo de maneira inofensiva.

No que diz respeito à histeria, neste momento estou completamente desorientado. É claro que eu gostaria muito de saber se as suas esperanças em relação aos prazos se realizaram e se as nossas expectativas quanto à Páscoa podem seguir *inalteradas*. Desistir está, de longe, fora de questão.

Saudações cordiais,
Seu Sigm.

CARTA 208 [113] DE FREUD A FLIEß

Riemerlehen, 1º de agosto de 1899

Dr. Sigm. Freud
Docente Universitário de doenças nervosas

Querido Wilhelm!

Estou enviando a você, em dois envelopes ao mesmo tempo, as primeiras correções do capítulo introdutório (da bibliografia).¹⁴ Se tiver algo a objetar, mande-me a página com as suas observações, pois ainda é possível aproveitá-las até a segunda e a terceira correções. O seu vivo interesse pelo trabalho me faz bem, e não sei expressar o quanto. Infelizmente esse capítulo irá constituir uma dura prova para o leitor.

Aqui está tudo incomparavelmente lindo, fazemos caminhadas ora mais longas, ora mais curtas e todos estamos muito bem, exceto por algumas situações de saúde pelas quais tenho passado ocasionalmente. Estou trabalhando na conclusão do trabalho sobre o sonho, em um quarto grande e silencioso no andar térreo, com vista para as montanhas. Meus deuses antigos e encardidos, tão pouco reconhecidos por você, participam do trabalho como pesos de papel. A retirada do longo sonho cancelado por você será compensada pela inserção de uma pequena coletânea de sonhos (sonhos inofensivos e absurdos, cálculos e discursos nos sonhos, afetos nos sonhos). A reelaboração só afetará o último capítulo psicológico, que talvez eu aborde em setembro e lhe envie na forma de manuscrito, ou – eu o leve comigo. Meu interesse agora está todo voltado para isso.

Aqui também há cogumelos, mas ainda não em abundância. É claro que as crianças estão participando da atividade de colheita. O aniversário da dona da casa foi longamente festejado, entre outras coisas, com uma excursão da família até Bartholomae. Devia ter visto a Annerl no Königssee. Martin,¹⁵ que aqui está vivendo plenamente em suas fantasias, levantou para si uma cabaninha na floresta, etc., e ontem declarou: “Na verdade, não acredito que os meus assim chamados poemas sejam verdadeiramente bonitos”. Nós não o perturbamos nesse autoconhecimento. Oli está novamente praticando a anotação exata dos caminhos, das distâncias, dos nomes de lugares e de montanhas. Mathilde é um

ser humano completo e, naturalmente, uma perfeita dama. Todos eles estão vivendo bons momentos.

Até mesmo ao Fr. Pineles¹⁶ – que normalmente é um ser humano amável, delicado e bem informado, e que, através de seu parentesco com o meu velho amigo Prof. Herzig, tornou-se pessoalmente mais próximo de mim – você deve, em vão, ter provado que nós dois somos profetas. Ele inalou ar clínico em excesso, que contém diversas toxinas poderosas. A respeito de Breuer,¹⁷ fiquei novamente sabendo que declarou, sobre o último trabalho (esquecimento), que não se surpreendia com o fato de que ninguém desse valor ao meu material, já que eu deixava lacunas como aquelas. Ele achou que, em meus pensamentos, eu não expus em que consiste a ligação entre a morte e a sexualidade. Quando o livro dos sonhos estiver pronto e disponível, ele poderá ficar consternado com o contrário, com a abundância de indiscrições. Só quando o acaso (todavia improvável) tiver me presenteado com um título é que ele vai abaixar a crista.

Quanto mais o trabalho deste ano vai agora ficando para trás, mais satisfeito vou ficando com ele. A não ser com a bissexualidade! A respeito dela, você certamente tem razão. Estou até me acostumando a conceber cada ato sexual como um processo entre quatro indivíduos. Sobre isso haverá muito que conversar.

Algumas coisas que você escreve fazem-me lamentar profundamente. Eu queria poder ajudar.

Cumprimente cordialmente por mim a família toda e lembre-se de Riemerlehen, onde estou.

Muito cordialmente,
Seu Sigm.

CARTA 262 [141] DE FREUD A FLIEß

Viena, 30 de janeiro de 1901 IX., Berggasse 19

Dr. Sigm. Freud
Docente Universitário de doenças nervosas

Querido Wilhelm!

Tenho que respondê-lo sobre várias coisas, o que não acontece há muito tempo. Sobre o estado de Minna,¹⁸ o que sei é o seguinte: não há dúvida de que seja uma úlcera, mas não está absolutamente certo que esteja localizada no duodeno; tendo em vista o sangue e a intensidade das dores, o assistente de Oscar, A. Hammerschlag,¹⁹ que aliás não estava nem um pouco à vontade, quis nos persuadir até mesmo de uma localização no reto. Penso que ela esteja no cólon (flexura). Começou com embolia; uma úlcera por tuberculose parece estar descartada. Oscar ouviu ao longo dos dias sons impuros; alguns dias antes tinha havido uma ligeira elevação da temperatura, que anteriormente não tinha sido constatada. Esse é todo o material de que dispomos. É claro que ninguém está enxergando direito, mas está começando a se revelar para nós uma afecção cardíaca, cuja origem e importância é desconhecida, mas que poderia envolver alterações endocárdicas. Algumas fezes características se perderam por descuidos domésticos, mas depois disso Oscar reconheceu coágulos de fibrina nas misturas em questão.

Seu estado geral melhorou muito nos últimos dias, e com isso aumentou também o nosso ânimo. Um adoecimento funcional ou neurótico certamente não pode ser diagnosticado. A história toda não é simples.

“Sonho e histeria”²⁰ possivelmente não irá decepcioná-lo. O principal nele continua sendo o que é psicológico, a utilização do sonho, algumas peculiaridades dos pensamentos inconscientes. Sobre o que é orgânico há apenas impressões, e, na verdade, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas ela foi nomeada e reconhecida desta vez, e preparada para uma exposição detalhada numa outra vez. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, que podem ser remetidas ao caráter da sucção, e nos processos de pensamento em conflito, a oposição entre uma inclinação para o homem e uma para a mulher desempenha o papel principal.

Enquanto isso, a *Vida cotidiana*²¹ descansa meio terminada e logo terá continuidade. Até pretendo fazer um terceiro, algo pequeno; pois disponho de muito tempo livre e tenho necessidade de me ocupar. Este ano há um alívio em 3-4 horas diárias de trabalho e correspondentemente um maior bem-estar físico, embora um certo mal-estar no orçamento.

Quanto à data, não errei em muito. Eu fui tão tolerante em computar para o público apenas o tempo a partir da publicação das “Relações” que indiquei 1897, quando, na verdade, foi no Natal de 1896 (?) que elas foram publicadas. Seriam, portanto, mais de quatro anos. – A segunda discussão em Viena deve ter sido mais vergonhosa do que a primeira. Essa gente é incorrigível. Com o mesmo fôlego que deveria envergonhá-los por terem que admitir que rechaçaram com tanta injustiça o que era fácil de ser provado e, ainda assim, altamente singular em teu livro, eles se atrevem a debochar da parte mais difícil dele, e nenhuma autocrítica lhes diz que, se eles se mostraram assim e o autor assado, então também poderia haver no outro alguma coisa, [e] que eles teriam primeiro que pensar! Incorrigíveis, e chega disso!

O Großmann de Viena é tão repulsivo quanto o G. de Berlim.²² A coisa está correta, muito velha e *fora* de contexto em relação com a sua descoberta. Uma vez ele me mostrou um cunhado epilético que não conseguia inspirar por causa de obstrução no nariz, e aconselhei-o a que desobstruísse o nariz, pois talvez isso pudesse ter uma influência nos ataques. Foi-me permitido algumas vezes observar as operações!, e fiquei chocado com a sua falta de jeito, com seu desamparo e com sua falta de planejamento.

Você não acha que agora seria o momento certo de agrupar em três páginas os poucos acréscimos a fazer ao tema atual, as zonas de Head, o efeito em herpes zoster, e o que mais tiver, e entregá-las para que venham a público? O contato com o público afinal será um meio de garantir uma certa consideração às grandes coisas biológicas que são as mais importantes para você. As pessoas só seguem mesmo a autoridade, que por sua vez só pode ser adquirida se fizermos alguma coisa que lhes seja acessível.

Em meio à depressão dos ânimos e material desta época, atormenta-me a tentação de passar a semana da Páscoa deste ano em Roma. Com absolutamente nenhum direito, pois nada foi alcançado, e é provável que por motivos exteriores também seja impossível. Esperemos por tempos melhores. Desejo avidamente que queira contar-me sobre esses tempos.

Muito cordialmente,
Seu Sigm.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Amor, sexualidade, feminilidade" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).